

Abril de 1916

PORTUGAL - BRAZIL

Anno I

N.º I

# HORA

# LITTERARIA

Revista quinzenal, illustrada, de litteratura, sciencias e artes—Collaboração **solicitada**, dos melhores escriptores da nova geração d'aquem e d'alem—Atlantico.

DIRECTOR, PROPRIETARIO E EDITOR—**Raul Pousão Ramos**,  
a quem deve ser dirigida toda a correspondencia de PORTUGAL.

6 ct. <sup>vos</sup>

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

(provisoria)

Rua de Carlos da Maia

† OLHÃO †

COMPOSTO E IMPRESSO NA  
TYPOGRAPHIA PROGRESSO

A' venda no Brazil nas seguintes cidades: *Rio de Janeiro, Baia, S. Paulo, Santos e Campinas.*

E' correspondente da **Hora Litteraria** em S. Paulo, o Sr. Dr. Carlos Cilia, a quem deve ser enviada toda a correspondencia **do Brazil.**

E' correspondente da **Hora Litteraria** no norte do paiz, o Sr. Dr. Jorge Capinha.

A Redacção da **Hora Litteraria** resolveu promover, para satisfazer a muitos pedidos e para valorisar e mais interessante tornar a leitura desta revista, um **certamen - artistico - litterario**, e pede portanto aos jovens cultores das **Bellas Lettras**, de Portugal e do Brazil, o seu concurso, que não pode faltar nesse torneio intellectual.

### BASES DO CONCURSO:

**Poesia** { 1.<sup>a</sup>—Uma poesia lyrica  
2.<sup>a</sup>—Uma poesia satyrica  
3.<sup>a</sup>—Uma poesia épica

**Prosa** { 1.<sup>a</sup>—Uma phantasia  
2.<sup>a</sup>—Uma novella  
3.<sup>a</sup>—Um conto de costumes nacionaes

**Musica** { Um fado e uma modinha brazileira—Versos de qual-  
quer autor, adaptados á musica original do concorrente.

### *Condições especiaes para a inscripção dos concorrentes:*

- 1.<sup>a</sup>—Serão admittidos a concorrer todos os litteratos e musicistas de Portugal e do Brazil.
- 2.<sup>a</sup>—Os trabalhos serão recebidos até o dia 20 de Maio, para dar tempo á constituição dos juris (de poesia, de prosa e de musica), que devem classificar os trabalhos recebidos, de modo a serem conhecidos em um numero especial da **Hora Litteraria**.
- 3.<sup>a</sup>—Todos os trabalhos devem ser assignados por pseudonymo e dirigidos á Redacção da **Hora Litteraria**, ou ao seu correspondente no Brazil, Sr. Dr. Carlos Cilia.
- 4.<sup>a</sup>—Cada concorrente deverá, junto ao trabalho remettido e dentro do mesmo envelope, enviar outro tambem fechado, contendo em caracteres bem legiveis: 1.<sup>o</sup>) a data da remessa; 2.<sup>o</sup>) o pseudonymo usado; 3.<sup>o</sup>) o verdadeiro nome, por extenso; 4.<sup>o</sup>) a residencia.

HORA LITTERARIA

## Saudação aos poetas do Brazil

*Poetas que cantaes d'além — Atlantico,  
Coroado de sol, um grande cantico!*

*Eu vos saudo, liras primorosas,  
De esp'rança engrinaldadas e de rosas.*

*Bem dita a voz que canta,  
E a Vida a Deus levanta.*

*Meus irmãos do Brazil — a patria irmã!  
A poesia floresce á luz pagã.*

*O' poetas, eu oiço as pombas imortaes,  
Batendo pelo azul asas ideaes.*

*Vejo a paisagem bela, americana,  
No verso que perfuma a alma humana.*

*Que alucinante cor, que vivos tons,  
Gritam na escala rutila dos sons!*

*Bem dita a voz que canta  
A ave, a flor, a planta.*

*A divina mulher que é diadema  
De risos sobre a nossa dor suprema.*

*Aos vossos hinos gloria! Gloria imensa!  
Como o Brazil trabalha e canta e pensa!*

*O' poetas de sonhos aureolados!  
Vivei os vossos dias bem doirados!*

*Bem dita a Vida e a Terra  
E a luz que alma encerra.*

*Meus irmãos do Brazil — a patria qu'rida,  
Cantae, florindo as lagrimas da Vida!*



Dr. Carlos Cilia

## Chorar

Choraste aquele dia por acaso.  
Ao recordar um santo amor, talvez....  
Tomava o ceu a cor da viuvez  
E escondia-se o sol no seu ocaso.

Choraste! Pela tua face linda  
Correu a pouco e pouco um choro brando.  
Lamento dum amor que foi passando  
Ou uma saudade antiga mas infinda.

Foi então que soubeste que o chorar  
E' a pagina maior e mais comprida  
Dum grande livro que nós faz amar.

Choraste porque sabes comprehender  
Que essa pagina e o livro são a Vida  
E—vê— nem toda a gente o sabe ler.

Do *Livro de Dor*

Carlos Cilia

A opinião do illustre escriptor sr. dr. Julio Dantas, sobre o *Livro de Dor* do moço poeta dr. Carlos Cilia, nosso grande amigo:

Meu Ex.<sup>mo</sup> e presado amigo:

Agradeço-lhe, extremamente penhorado, a amabilidade e a bondosa offerta do seu *Livro de Dor*.

Li-o com o maior interesse e com viva sympathia pelo seu real valor e formosissimo talento. Tem sonetos que não parecem de um poeta que se estreia e tenta azas, tão felizes são na forma e no conceito. Felicito-o cordealmente e peço-lhe que me creia, com vivo reconhecimento, seu confrade, amigo admirador e obrigado.

Julio Dantas

## O Moiro de Veneza

(Tela de E. Becker)

A voz de Otelo, em glorioso ardor,  
Num terraço de marmore, em Veneza.  
— Em casa de Brabâncio, o Senador —  
Narra dos seus combates a beleza!

Desdémoma, num halo de fulgor,  
Ouve encantada a bela voz que reza  
A historica epopeia de nobreza,  
Lavrada a sangue a rasgos de valor.

A tarde fulge no canal sereno  
Ao ritmo evôcador da voz do Moiro;  
Esplende lume e enlêvo o seu perfil moreno.

Desdémoma contempla os longes d'oiro....  
E no terraço, ao fim do dia ameno  
Oteló vê o sol no seu cabelo loiro!

Setembro de 1915

Mario Pacheco

*N. da R.*— O poeta que firma o bello soneto *O Moiro de Veneza* é o artista delicado e amavel das *Horas Claras*, dos *Hymnos à Vida e ao Amor*, das *Dhalias* e desse mimoso *bouquet* de violetas brancas que é o seu livro de *Trovas*.

Mario Pacheco, que é um sentimental por indole e por temperamento, é ainda o poeta distintissimo de centenaes de versos que por ahí andam esparsos pelas revistas e jornaes de todo o Portugal e de muitos do Brazil.

• E' tão grande e tão velha—mas dum sabor sempre moço—a nossa amizade, que nem a distancia nem o tempo têm sequer amortecido a sua chamma divina. E' que Mario Pacheco é, além do mais, uma bella alma e um grande coração!

POETAS DO BRAZIL



*Ideal*

Em teu corpo nobre e requintado  
N'um refrigerio dulcido de rendas,  
E' o cantico dos canticos sonhado,  
O' sulamita das antigas lendas.

Riso gracioso, rosto enamorado  
Cujos ternos encantos são legendas  
Que me apontam, felizes, de outras tendas  
O idyllio romanesco do meu fado...

Jamais sonhara um genio de Rembrant  
N'esse corpo fidalgo a graça tua,  
O' minha ambicionada Channaan.

Quando te vêjo, em fervidos adejos,  
Minh'alma scismadora se debrúa  
N'uma cascata harmonica de beijos!

*Fabio Montenegro*

*A rã*

A' luz que do alto, em catadupas, entre  
Nuvens cor de cinnabrio, jorra, alambra,  
A rã, o glauco vello no ar, se enxambra....  
Busca a que da ancia a inf'lar-se lhe descentre....

Em roncões roncões, rosna-lhe o deventre  
Do corpo os fulcros em postura zambra,  
Arfa, palpita ao goso breve, o ventre  
—Todo um traço levissimo do Alhambra.

E olha... olha em torno; nada em torno. Sobre,  
Do pascigo na verde relva adusta,  
Alga, nem sombra de outra rã descobre....

E olha... treme, o delirio agora, e logo  
Mostra nos olhos apparencia angusta  
De dois castellos ancestraes em fogo.

*F. Paula Gonçalves*

*A Ventura*

E' tudo o que é fugaz, ó que bem pouco dura;  
Pode ser dez milhões, uma mulher, um brinco.  
Uma canção que pássa, um raio de loucura....  
E é loucura tambem buscal-a com afineo!

A ventura, querida, é a propria desventura  
Quando soffrida a dois, a tres, a quatro, a cinco.  
Vive em pompa real de estofos e architectura  
Ou sob uma palhoça, uma telha de zinco!

Olha, quando eu dormir e quando no abandono  
Da morte en repouso desta vida tão dura,  
Deixa que o esquecimento acalente a meu somno.

E' que esta alma achou a porta que procura....  
Folha secca, tombei á chegada do Outomno....  
Talvez esteja ahí a primeira ventura!

*Affonso Schmidt*

*A Orchidea*

A' luz do sól, broquel de cobre que flammeja,  
Sobre um jacarandá secco e nú, cuja extranha  
Forma lembra um fakir, que em scismas se emma-  
ranha,  
Surge, a rir, uma flor. E' a orchidea sertaneja.

Languidamente abrindo á viração, que a beija;  
O calix que semelha avelludada aranha,  
A parasita, erecta, em volupias se banha,  
E o calvo tronco haurir procura, mal fazeja....

Ora, com as suas mil filipendulas risca  
A rija e rude crosta; ora, ufana, se deita  
Na attitude sensual de indolente odalisca....

Vendo-a, tem-se a illusão de que sêja, esse arbusto,  
Uma Dryade antigo, amante e insatisfeita,  
A cingir de algum Fauno o decrepito busto!....

*Augusto Lopes*

HORA LITTERARIA

do Presente, a qual Fantasia procuram sob a forma de diamante azul, no filão que o tem; porém que, mineiros torturados pela raiva de não ter encontrado o filão dos diamantes, o Poeta e a Musa foram lapidando, na sua isolada torre de marfim e sob o clarão de Futuro, os versos que compõem o livro.

Como *ideias* na estrutura geral do livro ha isto, quando muito; e isto, francamente, é... nada. De resto, esta fraqueza ou falha de concepção architectural sente-se no todo como nas suas varias peças, digo, as poesias uma a uma. João Lucio tem por aqui um peccado, e creio bem que original.

Ora quando um poeta não pretende mais que dar a publico um *livro* de poesias, embora do mesmo caracter geral, que o titulo marca—ex: *Les contemplations* d'Hugo ou *Les fleurs du mal* de Baudelaire—não precisa certamente de pôr n'elle mais unidade que a que tem uma simples *collecção*. Porém quando houve em intenção e, pelo menos em embrião, a ideia de alguma coisa a mais que faria do *livro* um *poema*—lyrico, didactico, philosophico, dramatico, epico, etc.—(e é o caso de João Lucio) alguma coisa se exige de superior ás construcções de detalhe, mesmo perfeitas. Desde que este *quid* organico falta, o conjuncto resulta mais ou menos frouxo e anarchico sempre; e, que o poeta me entenda bem, nem mesmo o *sonho*, essencialmente anarchico e errático, pôde servir de refugio e justificação á incoherencia,—se, no proprio seio do chaos, para ser alguma coisa sob o ponto de vista esthetico, é condição *sine qua non*:—estar infuso um certo rythmo subtil.

E quanto as poesias, cada uma em separado, sinceramente, não ha maneira de se me apagar a impressão de tal ou qual inconsistencia, de alguma coisa de lacunar ou informe, de dispersão ou falta de equilibrio que me deixam sempre, até as melhores. Faz-me pena ser chocado por esta radical imperfeição da estrutura, quando tantas outras qualidades se dão n'ellas, em nitida convergencia esthetica. Compare-se,—não digo já abortos ou monstros, sem forma e sem alma, como, por exemplo, o «desafio maravilhoso» e o «chôro dos violinos no crepusculo», em cuja estrutura não insintirei,—mas poesias das melhores do livro, das mais unas, das mais perfeitas como composição—por exemplo: «Ao embarcar do coração», «A Valsa dolorosa», a «Marcha do Pinhal», a «Sonata da Belleza»—a poesias de differentes estruturas e ideias, mas todas modelares, e escolherei—quaes?—por exemplo, o «Cantico do Sol e das Caturas» de S. Francisco d'Assis, a «Lorelei»

de Heine, «O Firmamento» de Soares de Passos, e «Silence» de Albert Samain. Compare-se e sentir-se-ha a differença entre o *bem composto*, o *bem feito* d'estas obras, d'estructura diversa embora, onde tudo ou quasi tudo se prende firmemente ao conjuncto, a uma ideia central, e nada ha—pelo menos que choque sensivelmente—de mais nem de menos, nem diluido, nem excrecente, nem deixado ao acaso; e a tal ou qual, embora leve, hesitação, névoa, falho recorte—que tenho aliás, repito-o, immensa pena de sentir—mesmo em «Ao embarcar do coração» e mesmo na «Valsa dolorosa»; a falta de perfeita e equilibrada asymetria que apesar de tudo não desamparou a «Sonata da Belleza»; ou—peor então—a laboriosidade, a massudez, o monstruoso empaste por accumulacão de detalhes, a superabundancia excrecente, o amontoado incongruente da «Marcha do Pinhal» através da prolixidade rhetorica, farfalhante e ronflante e, em somma, vã, em que a ideia se dilue e se decompõe, se disconjuncta e se esvae.

Certamente nada ha de todo perfeito de baixo do sol; mas o caso é que praticamente se pôde dizer, apesar de tudo, perfeita—pelo sentimento inillusório que dá e que depois a analyse intellectual confirma a «Lorelei» de Heine, como o aparentemente incoherente «Cantico» de S. Francisco d'Assis—; e (com que pena o redigo!) se tem de declarar imperfeitas, apesar de tudo, «A Valsa dolorosa» e «Ao embarcar do coração».

Oxalá, afinal, eu me engane; e, mais, o poeta mostre, em futuras bellas poesias e mais bellos poemas, que este apparente defeito não passa de simples descuido seu.

\*

Tomando pois o livro como é, se não se pôde—e grande pena tenho—achar do minimo valôr esthetico a concepção que *estaria* em vez da archibanalidade do *refugiar-se no sonho*; e se, pois, o livro se reduz a duas *collecções* de poesias—uma mais lyrica, outra mais objectiva,—é de notar, no entanto, a maneira de *sentir*, nova em João Lucio—que me surpreendeu e me agrada, confesso-o—e que já só alguns dos simples titulos denunciariam.

«Na aza do Sonho» é ainda um titulo artificioso da velha guarda da imaginação ultra-romantica e da empolada sensibilidade que ainda pécha o poeta—e ha peor imaginação rhetorica,—banalidade vulgar assoprada de grandiloquencia vazia; e é pena isto. «A marcha do Pinhal» é outro titulo detestável na sua pseudo-pompa.—Piegas incriveis são alguns: «*Deixa-me beber-te a formosura*», «*O lenço em que ella chorou*», «*Que*

## HORA LITTERARIA

*lindas mãos para coar em versos*», etc; em summa: estylo *Elvira*. E não referirei outros mais ou menos infelizes ou quaesquer. Porém: «*Ao embarcar do Coração*», «*Na tarde de leite e rosas ouvindo a floresta*», «*Na Noite branca caem myosotis*», «*A rôr desfolhar o crepusculo*», «*O Sonho de Vento e das Florestas*», «*O choro dos violinos no crepusculo*», «*A serenata branca da Lua*», são titulos que denunciam uma fina sensibilidade toda moderna, cujos productos, digo-o desde já, são do que ha de melhor atravez de toda a obra. Como desde já tambem digo, porque é preciso insistir n'isto para o eliminar, que a dupla grande pécha excrecente do livro é por um lado o piéguisimo artificioso e, apesar de tudo, pesadão e inesthetico, e por outro lado a philosopheira lamartiniana ou huguona ou ainda—agora—á Chateaubriand ou á Volney, em todo o caso *démodé, vicillote et fait-blote*....

Estas péchas só se supportam no livro como uma especie de vehiculo para bellas coisas de detalhe ou de conjuncto.

Sem fallar já, é claro, da grande dose de artificialismo e de voluntariedade que ha radicalmente na visão poetica de João Lucio, e da deploravel *attitude* narrativa e das poses semi-pontificaes, em que ha muito do salento Gonçalves Crespo, do intragavel Junqueiro da «*Musa em Férias*», e ainda da «*novidade*» de certos rythmos nervosos e saccudidos que lembram Cesario Verde mas sem a leveza naturalista d'elle.

Estas péchas e estas reminiscências, esperemos que João Lucio saberá desprender-se d'ellas em obra futura. Com effeito, para que precisa elle cultivá-las se tem alguma coisa de original, *seu proprio* e inequívoco a desprender, a trazer á plena eclosão?

(Continua)

## Pagina triste

E' a mesma pençula—estylo Luiz XV—ostentando os doirados lavores de antiga arte a evocar romanescos episodios de uma era embalada pelo queixume das canções desferidas nas guitarrilhas dolentes. Seb a redoma de crystal se avista o seu contorno modelado em flexuosas linhas, a trama de arabescos revelando subtilezas e caprichos de impeccavel ourivesaria.

Ampara-a o braço firme de um estatueta cinzelada para nos recordar as formas immortaes de alguma belleza pagã, victoriosa em pleno esplendor de sua gracilidade mythologica.

\*  
\*\*

E' a mesma pençula suspensa outr'ora sobre as nossas doces seismas passionarias.

Minuto a minuto, o seu monotono oscillar media a fervorosa embriaguez desses vicios balbuciados pela sentimentalidade poloriçando ás emoções da existencia.

Impassivel, assistio aos nossos juramentos, escutou os idyllios que as nossas boccas não cessavam de suspirar e os longos aduses trocados entre promessas deliciosas...

\*  
\*\*

Mas os dias fugiram pressurosamente e com elles os sonhos de tanta felicidade perdida para sempre!

Agora, essa testemunha solitaria de inqueciveis enlevos, fiel ao seu destino, continua o compassado rythmo sonoro.

Nunca mais, entretanto, marca á as divinas loucura do nosso affecto impiamente transformado em cinzas... nunca mais!!

Vianna de Carvalho

## Uma carta de Musset a Aimée D'Altou

Desejava enviar á minha Aimée a sua cartinha beijada cem vezes, para lhe suplicar que poisasse nella ainda os seus labios e m'a reenviasse de novo.

Não procurando o ponto em que beijou esse papelinho, beijeio eu completa, inteiramente; te-lo-hia devorado se fosse menos precioso. Alma querida, quando estarão seus labios em seu lugar? Morro pensando n'isto. Deixe-me dizer-lhe a minha felicidade. Nunca encontrei uma mulher tão franca, tão verdadeira como é Aimée! Nunca vi tanto coração e tão pouca garridice, tanta sinceridade e tanta nobreza. Releio as suas tres cartas ao mesmo tempo e choro de alegria. Ignora o que vale em compensação com as mulheres vulgares. Ignora que surpresa, que alegria se experimenta aproximando-nos de um ser como é Aimée. E quando penso no mes de maio—quando digo de mim para mim que uma alma tão bella, tão candida, habita um corpo tão formoso e tão branco como o d'ella—ia a dizer, meu amor, que tenho feito para ser tão felis? Ah! como tem razão vindo com as flores, com a verdura, com a estação do sol! Chame-me doido, se quizer—parece-me que quando me der o primeiro beijo me nascerá uma flor no coração. E ousa falar em desgostos! Ousa conceber alguma inquietação! bem não falta á verdade, minha rosa branca,

## HORA LITTERARIA

e faltaria se não fossemos felizes! Vinda para mim, com a simplicidade dos anjos—foi sorrindo e sem esitar que fez uma confissão que as mulheres vendem ao preço de mil inquietações, de mil comédias e de mil tentativas.

Ignoro se tenho por si mais estima do que amor, o seu character não tem egual para mim, e entretanto eu tenho sido amado por nobres corações—mas nunca assim! Vendo-a, não sei se a beije se ajoelhe na sua frente, querida, querida Aimée abençoada!

Porque não volta a casa de nossa prima?

Houve talvez alguma coisa por causa da cartinha do «padrinho», que me fez ganhar a pena com que escrevo e que beijo neste momento.

Pareceu-me, digo eu, que Adlon, quasi que já não é sua amiga, ou que pelo menos tem-lhe invéja; pobre creança! Creio-o bem e perdou-lhe; até ha bem maior numero de invejosos!

Adeus adorada, adeus minha querida amante. As minhas cartas são maiores do que as suas. Dir-lhe-hei até amanhã que a amo, mas para sempre, como sinto, não posso, não sei dizer.

Trad. de

R. P. R.

## SAKHALIEN - ULA

Queria habitar as margens do Amor... Irka, a pallida Irka, no enluarado alpendre do sumptuoso castello de Anmlaon, seu pae, ouvira dos labios quentes de um principe de olhos azues e de cabello louro, que para as bandas da uberrima Dauria, existiam terras com montanhas de ouro, as cadeias do Altai, céus de azul e campos dourados por onde serpejava um rio encantado, feito do olhar magico de uma deusa feérica, um rio cujas aguas omnipotentes fallavam ás almas bôas, dando-lhes na terra a ventura sem treguas que no Paraiso é o sol de todo o dia.

O Lena, num incendio de reflexos que sobre o espelho das aguas despejavam as janellas escancaradas dos salões illuminados do palácio—dormia; a orchestra chorava os seus ultimos accordes....

E o principe falou-lhe na Mandchuria e a pallida Irka, sonhando as delicias de umas terras quentes e phantásticas, paiz de fadas e mancebos poetas, de olhos negros e farta cabelleira; achou que os steppes da sua arctica lakutsk era, então, muito fria demais para os seus quinze annos que pediam céus de azul e campos dourados...

Queria habitar as margens do Amor—era Amor aquelle rio encantado, feito do olhar magico de uma deusa feérica—e lá, numa casita toda branca a sorrir equilibrada numa rampa de esmeraldas, havia de atravessar a vida a sonhar, aprendendo as estrophes cantadas do eterno poema que vem do seio offegante das aguas e ouvindo as balladas sentimentaes dos mancebos poetas, de olhos negros e farta cabelleira.

E para a manhã seguinte, com os quinze annos da pallida Irka, fugida semi-morta nos braços do principe de olhos azues e de cabello louro, tinha fugido a alegria do sumptuoso castello de Anmlaon, que nunca mais se abriu, como não se abriram mais os tremalos labios do velho pae, de Anmlaon, o inditoso.

E a pallida Irka, adormecida a sonhar nos braços do principe louro, assim se deixava arrastar para as terras da Mandchuria, longe, para muito longe das ribanceiras do Lena que lhe banhou o corpo perfumado de creança.

Quando Irka despertou estava em misera choupana, ás bordas de um caudaloso rio de aguas negras, serpejando nas fraldas das altas montanhas, sob um céu muito baixo, soalhado de nuvens.

Pelas fadas do paiz encantado e pelo principe de olhos azues e cabellos louros, chamou a pallida Irka e a sua voz tresmalha-va-se pelas anfractuosidades das montanhas do sul e o cachoeirar das aguas negras do rio em infernal caudal, só lhe ensinava a historia do terror em urros de fera.—Como se chamam estas margens?... Que nome tem este rio? .. Irka á porta da choupana, temendo o crescer incessante do grande rio, perguntou, chorando, a um velho montanhez que descera á ribanceira, onde, como de costume, vinha adormecer á sésta, ao regougar das aguas.—E' o Sakhalien-Ula, o rio negro. São terras da Mandchuria, o solo em que pisas, minha menina.—E o rio do Amor? E' muito longe ainda o rio do amor?...

—E' este justamente o rio do Amor.—... o rio negro—tu o disseste. Ironia dos homens!...

E o montanhez a sorrir, comprehendendo tudo, continuou:

—O rio do Amor e o rio Negro, o Sakhalien-Ula, é um e o mesmo, minha filha.

—Diga-me: não encontrou por ahi um moço. . .

—De olhos azues e cabellos louros? .. Um principe?

—Sim—esse mesmo.

—Deixei-o da outra parte, na Dauria, ha coisa de uma semana. Disse-me que tornou

ao seu palacio de lakutsk.

E a pallida Irka, atirando uns olhares cheios de saudades para as bandas da sua terra natal... reconstruiu ao longe um céu todo azul e o sumptuoso castello de Anmlaon, nas ribanceiras do Lena que lhe banhou o corpo perfumado de creança.

—Elle, o principe de olhos azues e de cabellos louros, podia voltar—ella, não, que era mulher....

E' sempre assim essa velha historia.

O rio do Amor! — não é de balde que nós chamamos da *serpente negra*, que o é da verdadeira, a do original peccado. Os principes, esses, fogem sempre, ao depois—ellas coitadas... é para todo o sempre, pobres mulheres!

*Porchat de Assis*

Santos

---

*A todos os distintos cultores das bellas-lettras, que no presente numero e nos que vão seguir-se nos honraram e honrarem com a sua brilhante e preciosissima collaboração, aqui deixamos consignado nestas linhas, os nossos melhores agradecimentos.*

---

No proximo numero, a **Hora Litteraria** publicará, além d'um grande numero de artigos e poesias firmadas por distintos escriptores e poetas, um interessante artigo sobre a grande arte do fallecido pintor Henrique Cesar d'Araujo Pousão, que foi condiscipulo Silva Pinto. Esse artigo será illustrado com a reprodução de alguns trabalhos do pintor H. Pousão.

---

A todos os collegas a quem enviamos a **Hora Litteraria**, pedimos o favor da permuta.



### ASSIGNATURAS

(pagamento adeantado)

Trimestres ... 30 centavos (360 réis)  
Avulso... .. 6 » (60 » moeda fraca 400 rs.)  
Estrangeiro—acresce o porte do correio